

A REAÇÃO AUSTRIACA À TENTATIVA DE APROXIMAÇÃO DE LUCAS A HAYEK

Thyago Américo Schio

Doutor em Desenvolvimento Econômico pela UFPR

Lucas Casonato

Doutor em Desenvolvimento Econômico pela UFPR. Professor de Economia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e na Faculdade de Educação Superior do Paraná (FESPPR)

Eduardo Angeli

Doutor em Ciências Econômicas pela UNICAMP. Professor do Departamento de Economia da UFPR.

Resumo: No final da década de 1970, Robert Lucas sugeriu que sua contribuição para a macroeconomia deveria ser vista como um desenvolvimento da contribuição de Hayek - a “tese da similitude”. Ainda na década de 70 e especialmente na de 80, os seguidores da tradição Austríaca argumentaram que a recuperação de Hayek feita por Lucas era equivocada. Por fim, o próprio Lucas acabou concordando que sua contribuição não era uma retomada das ideias hayekianas, e teses recentes discutem que nunca houve um real reposicionamento do autor, porque sua tentativa de aproximação inicial teria sido uma apenas manobra retórica. O presente artigo descreve a história desse debate na perspectiva da Escola Austríaca, e busca contribuir com a sistematização e explicação da defesa Austríaca de suas particularidades enquanto escola de pensamento. Propõe-se que a rejeição da manobra retórica de Lucas, um dos protagonistas do *mainstream*, pelos Austríacos possa ser mais bem entendida se considerada parte do movimento de seu ressurgimento e consolidação como escola de pensamento. O presente artigo, assim, ilustra um capítulo importante da história da Escola Austríaca moderna.

Palavras chave: Escola Austríaca; F. A. Hayek; Robert Lucas.

Abstract: In late 1970s, Robert Lucas suggested that his contribution to macroeconomics should be understood as a development of Hayek's contribution - the "thesis of similitude." Over the following years, Austrian economists argued that the recovery of Hayek made by Lucas was not correct. Eventually, Lucas himself agreed that his contribution was not a resumption of Hayekian ideas, and recent theses argue that there was never a real repositioning of the author because his attempt at an initial approximation would have been a rhetorical maneuver. This article describes the history of this debate from the perspective of the Austrian School and seeks to contribute to the systematization and explanation of the Austrian defense of its particularities as a school of thought. It is proposed that the rejection of Lucas's 'rhetorical maneuver' by the Austrians can be seen as part of a movement of their resurgence and consolidation as a school of thought.

Keywords: Austrian School; F. A. Hayek; Robert Lucas.

Classificação JEL: B25, B41, B53.

Versão submetida ao 48º Encontro Nacional de Economia

Área 1: História do Pensamento Econômico e Metodologia

A REAÇÃO AUSTRIACA À TENTATIVA DE APROXIMAÇÃO DE LUCAS A HAYEK

1. Introdução

A trajetória da Escola Austríaca apresenta um momento crítico contemporâneo, grosso modo, com o domínio do keynesianismo ortodoxo, de um lado, e com o aparente sucesso das economias socialistas de planejamento central, de outro. Do final da década de 1930 até meados dos anos 1970, a percepção difusa era de que o Austrianismo havia perdido a batalha contra aqueles movimentos, tornando-se um capítulo encerrado da História do Pensamento Econômico - apesar de algumas das principais contribuições Austríacas terem, ironicamente, sido feitas neste intervalo (BOETTKE *et. al.*, 2016). Os dois maiores expoentes da Escola, Mises e Hayek, a despeito de ainda desfrutarem de certo prestígio nos meios acadêmicos, estavam afastados dos debates da então fronteira do conhecimento, tal como percebida pela maior parte da profissão.

É usual a interpretação de que o ano de 1974 marcou uma inflexão na história da Escola Austríaca. Nele aconteceram dois eventos que marcaram o que se chama de *Austrian Revival* (Boettke *et. al.*, 2016; Vaughn, 1994).

Em primeiro lugar, a Conferência de South Royalton (em Vermont, EUA), que reuniu um grupo de professores já experientes (notadamente Israel Kirzner, Ludwig Lachmann e Murray Rothbard) e jovens pesquisadores e estudantes (tais como Mario Rizzo, Gerald O'Driscoll e Roger Garrison, dentre outros) para discutirem a tradição Austríaca e possibilidades de avanços teóricos. Textos ali debatidos foram publicados em um livro, e a Escola avançou em sua reorganização institucional nos EUA.¹

Em segundo lugar, o prêmio em memória de Alfred Nobel entregue a Hayek. A partir de então, Hayek passou a receber convites para palestrar mundo afora, além de dar conselhos a políticos e realizar intervenções no debate público. Seus trabalhos passaram a ser reavaliados, e maior prestígio passou a ser associado a sua obra, inclusive com a publicação, inicialmente pela Editora da Universidade de Chicago, de seus *Collected Works* a partir do final dos anos 1980.

Estes dois acontecimentos de 1974, importantes para a reorganização da Escola Austríaca, foram acompanhados por outros fatos, tais como outras conferências, o início da publicação regular da *Austrian Economics Newsletter* no outono de 1977, e o estabelecimento, em 1975, do Programa de Economia Austríaca na *New York University* (NYU), liderado por Israel Kirzner, realizando reuniões e seminários que vieram a congregar regularmente vários pesquisadores que haviam participado da Conferência de South Royalton, dentre eles Lachmann (OKON, 2018).

Apesar desta espécie de ressurgimento experimentado especialmente a partir de meados da década de 1970, o Austrianismo permaneceu como uma corrente de pensamento fora do *mainstream*, sem grande penetração nos principais departamentos de Economia² e sem fluxo regular de publicações nas revistas de maior prestígio da profissão. Contribuições associadas aos Austríacos, de forma geral, quando trazidas para o seio do *mainstream*, eram-no de forma considerada distorcida pela maior parte dos identificados com a Escola. Propostas explícitas de aproximação com outras Escolas heterodoxas foram feitas, especialmente na década de 1980 - ainda que nem sempre com boa receptividade.³

A própria Escola Austríaca apresentava perspectivas distintas que, dependendo da posição adotada, poderiam afastá-la ou aproximá-la do *mainstream*, como, por exemplo, no debate entre

¹ Sobre a Conferência de South Royalton, inclusive a lista de participantes, ver Okon (2018).

² A exceção era o programa liderado por Kirzner na NYU, de certa forma ocupando o espaço que outrora havia sido de seu orientador, Mises, nesta universidade. Como explica Vaughn (1994, cap. 3), Mises foi professor regular no Departamento de Economia na NYU de 1945 a 1949, quando não teve seu contrato renovado. De 1949 a 1969, Mises continuou lecionando na NYU, sendo sua atividade financiada pelo *Volker Fund*. Okon (2018), porém, argumenta que o caráter dos “novos” seminários na NYU era fundamentalmente diferente daqueles de Mises no sentido de que, com Mises havia uma postura de reverência por parte dos participantes, ao passo que, na nova versão, o objetivo era discutir criticamente a teoria econômica Austríaca com vistas a aprimorá-la.

³ Ver, por exemplo, a resposta de Davidson (1989) ao argumento de O'Driscoll e Rizzo (1985) de que existiriam pontos em comum entre Austríacos e Pós-Keynesianos.

Kirzner e Lachmann a respeito da existência de tendências (des)equilibradoras no processo de mercado (BARBIERI, 2008; VAUGHN, 1994). Como explicam Boettke *et al.* (2016), este debate aparecera já na conferência de South Royalton, tendo prosseguido ao longo dos anos seguintes. Kirzner propunha que a atividade empresarial seria um elemento que produziria um grau maior de compatibilização de planos, trazendo a economia a uma situação mais próxima à do equilíbrio (que nunca seria alcançado). Lachmann, trazendo contribuições dadas por Shackle, defendia, por seu turno, a posição de que as expectativas não necessariamente convergiriam, mas poderiam divergir, de modo que a atividade empresarial poderia atuar no sentido de produzir o afastamento da economia em relação ao equilíbrio.

Este debate a respeito do predomínio de tendências equilibradoras ou desequilibradoras do processo de mercado foi relevante dentro da comunidade de economistas Austríacos ao longo dos anos seguintes à Conferência de South Royalton, em particular entre aqueles que estavam ao redor do Programa liderado por Kirzner na NYU, do qual também participava Lachmann.⁴ Em tal contexto é que O'Driscoll e Rizzo (1996) publicam, em 1985, o livro *The Economics of Time and Ignorance*, com a colaboração de Garrison (que escreveu um dos capítulos).⁵ Neste livro, O'Driscoll e Rizzo (1996) optaram por avançar a agenda de pesquisa Austríaca sob o ponto de vista mais próximo a Lachmann.⁶ Ou seja, O'Driscoll e Rizzo (1996) contribuíram para que o Austríanismo caminhasse para uma visão mais radical sobre o papel do subjetivismo e das tendências desequilibradoras do processo de mercado.

Ao comentar o contexto da publicação do livro de O'Driscoll e Rizzo (1996), Boehm (2013) mostra que o período entre a década de 1970 e o começo da de 1980 foi caracterizado como de crise da teoria econômica, em que a profissão “went through one of its periodic cycles of soul-searching” (BOEHM, 2013, p. 7). Neste contexto, diferentes correntes alternativas à então ortodoxia dominante emergiram. É em tal cenário que o *Austrian revival* deve ser compreendido.⁷

Tendo este contexto em mente e com o propósito de contribuir para o aprofundamento da compreensão a respeito da história recente da Escola Austríaca, o presente texto se propõe a estudar a reação dos Austríacos ao argumento apresentado, no final da década de 1970, por Robert Lucas de que sua própria contribuição, construída sobre uma plataforma de equilíbrio geral walrasiano, seria uma recuperação da economia hayekiana, que havia sido relegada a um lugar de menor importância diante da dominação do pensamento keynesiano. Como será visto, esta tentativa de Lucas recebeu diversas críticas, tanto de autores vinculados ao Austríanismo, quanto de economistas não associados a esta Escola. Eventualmente, o próprio Lucas acabaria rejeitando a tese por ele mesmo proposta.

Para atingir este objetivo, o artigo está dividido em três seções, além desta introdução. A seção seguinte aborda brevemente a história da tentativa de Lucas de aproximar suas contribuições às de Hayek, seguida de reações (não-Austríacas) a esse movimento, bem como sua rejeição final por parte do próprio Lucas. Na terceira seção é sistematizada a reação Austríaca contrária a essa abordagem, apresentando e discutindo seus principais argumentos. A quarta e última traz as considerações finais do trabalho.

⁴ A leitura de alguns números da *Austrian Economics Newsletter* entre o final da década de 1970 e início de 1980 indica que este tema estava como pano de fundo de várias das discussões e seminários que ocorriam na NYU.

⁵ Sobre o papel deste livro na história recente da Escola Austríaca, ver Boehm (2013) e Endres (2013). Barbieri chega a afirmar que esta é a “obra austríaca mais significativa na década de oitenta” (BARBIERI, 2008, p. 228).

⁶ Ainda que, conforme Barbieri (2008), o livro possa ser interpretado como uma espécie de “meio do caminho” entre as perspectivas kirzneriana e lachmanniana.

⁷ Tolipan, ao mencionar a crise da Teoria Econômica e relacioná-la particularmente à obra de Sraffa, afirma que “[a] liquidação de um paradigma transforma a ciência em arena de disputa por hegemonia teórica. Por conseguinte, tornam-se, de direito, proposições de paradigma todas aquelas correntes antes neutralizadas como artefatos teóricos especiais (Walras, por exemplo) ou relegadas ao que Keynes chamou de submundo da teoria econômica (Marx, por exemplo), bem como novas proposições originadas na própria crítica ao paradigma anterior (Sraffa, por exemplo)” (TOLIPAN, 1990, p. 22)

2. Origem, consolidação e abandono da “tese da similitude”

Lucas é um dos economistas mais lidos, citados e influentes desde os anos 1970. Conhecido por ter desenvolvido e aplicado a hipótese das expectativas racionais⁸, tanto em trabalhos de macroeconomia teórica como de política econômica, tornou-se amplamente reconhecido como uma das figuras centrais no desenvolvimento da economia Novo-Clássica. Suas contribuições o levaram a ser laureado com o prêmio Nobel de Economia em 1995.

O surgimento e a consolidação das ideias Novo-Clássicas nos anos 1970, associados à crise do keynesianismo, despertou uma renovação do interesse sobre teorias dos ciclos econômicos desenvolvidas antes da publicação da Teoria Geral, de Keynes, e da Revolução Keynesiana. Lucas (1977) associou seus *insights* aos de Hayek (1931, 1933), apresentando assim a teoria Novo-Clássica como um resgate do pensamento pré-keynesiano, buscando explicar o ciclo econômico com uma análise do equilíbrio que fosse dotada de fundamentação microeconômica (SOROMENHO, 1998).

De acordo com Hoover (1998), Lucas via a si mesmo e à teoria dos ciclos Novo-Clássica como uma herdeira da Teoria Austríaca dos Ciclos Econômicos, inicialmente desenvolvida por Mises na década de 1910, e refinada por Hayek nos anos 1920 e 1930. Com isso, tem início aquilo que Soromenho (1998) denominou “tese da similitude”: a ideia, defendida inicialmente pelo próprio Lucas, de que os trabalhos que ele desenvolveu fossem uma continuidade ou melhoramento daquilo proposto por Hayek em particular, e, de forma mais geral, pelos Austríacos antes do advento da Revolução Keynesiana.

Tal tentativa de Lucas, contudo, receberia críticas já na década de 70, e se encerraria em 1994 com a afirmação do próprio autor de que ele havia interpretado erroneamente as ideias de Hayek (SNOWDON e VANE, 2005). Porém, uma abordagem alternativa (SOROMENHO, 1998; ANDRADA, 2016, 2017) sugere que Lucas não tinha de fato uma inspiração Austríaca; antes, isso teria consistido numa abordagem retórica para afirmar-se como continuador de uma tese anterior à concorrente prevalecente na sua época, como forma de expandir e justificar a sua contribuição.

Essa seção reconta de forma sucinta a história dessa tentativa de defesa da “tese da similitude” em três partes: (i) a tentativa de Lucas de se associar às ideias Austríacas; (ii) uma breve descrição das críticas não-Austríacas a esse movimento; (iii) a aceitação de Lucas sobre a distinção de sua abordagem e a possível interpretação de sua tese como um argumento retórico.

2.1. Lucas e a tentativa de resgate das ideias Austríacas: a “tese da similitude”

Lucas (1977), à altura já um autor consagrado e expoente do *mainstream*, sustenta que a vertente monetária da teoria dos ciclos econômicos Novo-Clássica é algo que Hayek (1931, 1933) poderia ter desenvolvido se este autor tivesse tido contato com as ferramentas modernas da economia matemática. Deste modo, Lucas acaba por alegar ter avançado o programa de pesquisa do qual Hayek fora o protagonista. Ainda no trabalho de 1977, Lucas, na tentativa de resgatar a contribuição de Hayek (1931), busca citá-lo diretamente, identificando duas teses na obra deste que permitiram considerá-lo um precursor dos seus trabalhos: (i) a defesa do equilíbrio na teoria econômica; e (ii) a ênfase nos microfundamentos como forma de oposição aos agregados.

Nesse período, Laidler (1982) sugeriu que a macroeconomia Novo-Clássica seria de fato uma reminiscência da Teoria Austríaca dos Ciclos Econômicos, e que isto não teria sido acidental. O autor confirma que foram os Austríacos os predecessores de Lucas em diversos pontos. Por exemplo, Hayek (1933) tanto critica os agregados macroeconômicos como sustenta que a incorporação dos ciclos em um sistema de equilíbrio econômico consiste em um problema central da macroeconomia teórica. Outro ponto é a defesa feita por Hayek de que os distúrbios monetários são a causa dos ciclos econômicos. Tais questões constituiriam elementos centrais também na teoria de Lucas. Vale ressaltar que esses elementos foram utilizados por Lucas não só para o desenvolvimento da teoria dos ciclos, mas também para criticar a então dominante teoria keynesiana, como discutido em sua entrevista a Klamer em 1984 (KLAMER, 1988).

⁸ Como se sabe, a originalidade de Hipótese das Expectativas Racionais é atribuída ao trabalho de Muth (1961).

O debate acerca da teoria dos ciclos econômicos é o ponto para o qual convergem as discussões. Como afirma o próprio Lucas:

[A]mong the interwar business cycle theorists, there was wide agreement as to what it would mean to solve this problem. To cite Hayek (1933), as a leading example: The incorporation of cyclical phenomena into the system of economic equilibrium theory, with which they are in apparent contradiction, remains the crucial problem of trade cycle theory; by “equilibrium theory” we here primarily understand the modern theory of the general interdependence of all economic quantities, which has been most perfectly expressed by the Lausanne School of theoretical economics (LUCAS, 1977, p. 7).

Neste caso, Lucas estava descrevendo a história da teoria dos ciclos econômicos, evidenciando que, antes da teoria geral de Keynes e da revolução keynesiana, existia uma gama de teorias chamadas de teorias dos ciclos econômicos, sendo Hayek um dos seus expoentes. Com o advento da revolução keynesiana, este problema teria sido abandonado, com o foco voltando-se à determinação do nível de produto ao longo do tempo.

Em síntese, percebe-se que Lucas (1977) tentou associar-se explicitamente à tradição Austríaca e às ideias de Hayek, afirmando que seu trabalho constituía um avanço desse programa de pesquisa, ao ter completado a problemática iniciada e protagonizada por Hayek, com a explicação do ciclo econômico por meio de uma análise do equilíbrio dotada de microfundamentação, e recorrendo ao argumento de recuperação da tradição anteriormente existente, abandonada com o avanço do keynesianismo.

Soromenho (1998) explica da seguinte maneira a visão de Rosner, um adepto da tese da similitude:

Existem, na obra de Hayek, duas teses cruciais para o debate. A primeira, apresentada nos primeiros textos sobre o ciclo, é a defesa da necessidade da análise de equilíbrio e de fundamentos microeconômicos. A segunda, presente nos trabalhos posteriores a 1937, é a concepção do agir econômico como um processar de informações, e conseqüentemente, o destaque atribuído às expectativas dos agentes. Hayek não teria conseguido conciliar essas duas ideias em sua análise dos ciclos, embora uma leitura cuidadosa de seus textos revelasse que ele sentia a necessidade de fazê-lo. A incapacidade do autor em apresentar uma nova versão da teoria dos ciclos que eliminasse essa inconsistência seria devida à indisponibilidade, na época, dos instrumentos necessários para conciliar a análise de equilíbrio com um tratamento rigoroso das questões informacionais. Ora, esse objetivo teria sido alcançado por Lucas nos anos 70. A teoria novo clássica, estaria, então, de acordo com as duas principais ideias de Hayek e teria logrado êxito onde o austríaco fracassara (SOROMENHO, 1998, p. 45-46).

Como afirma Soromenho (1998), as referências de Hayek utilizadas por Lucas são anteriores ao clássico artigo de 1937, em que Hayek explicita sua crítica à maneira pela qual os economistas se utilizavam do conceito de equilíbrio. Na literatura sobre Hayek, 1937 costuma ser visto como um momento crítico na trajetória do Austríaco, a pontos de alguns falarem de uma “Transformação de Hayek”. Esta transformação:

[R]efers to his movement away from the study of technical economics. It took place as Hayek came to realize the magnitude of the limitations confronting the major tool of economic analysis, the equilibrium construct. Though he was long aware of certain deficiencies in equilibrium analysis, its inability to shed any light on the problem of coordination was decisive (CALDWELL, 1988, p. 515).

A discussão sobre a compatibilidade ou não entre o Hayek antes e depois do artigo de 1937 é longa e não se pode dizer que a literatura tenha chegado a um consenso sobre a melhor forma de se propor uma espécie de periodização da obra do Austríaco.⁹ Mas chama a atenção, conforme destaca Soromenho (1998), o fato de Lucas ter tido o cuidado de recuperar a contribuição de Hayek pré-1937.

Conquanto Lucas (1977) considerasse que essa análise do equilíbrio fosse o principal ponto de concordância com as ideias Austríacas, também havia outros elementos de correspondência entre eles. Os pontos de semelhança e de divergência entre essas duas abordagens são apresentados

⁹ Ver, por exemplo, além do artigo de Caldwell (1988), Boettke (1990), Fleetwood (1995) e Soromenho (1994).

conjuntamente na apresentação dos argumentos contrários à aproximação das duas abordagens na próxima subseção.

2.2. *As reações não-Austríacas à tese da similitude*

A tentativa de Lucas de se associar às ideias de Hayek suscitou certa controvérsia na literatura. Para Soromenho (1998), trata-se de uma reação natural surgida em face da manobra adotada por Lucas.

Ainda que essa aproximação das abordagens fosse inicialmente aclamada por vários economistas, essa não foi a mesma reação que se verificou, em particular entre os próprios economistas Austríacos. Pelo contrário, houve uma forte rejeição por parte destes acerca da similaridade proposta entre sua abordagem e aquela apresentada por Lucas já a partir dos anos 1980, com a publicação de vários trabalhos que buscaram demarcar essas diferenças.¹⁰

Talvez a crítica mais importante à tese da convergência entre as abordagens tenha sido proporcionada por Hoover (1988), visto ter sido citado pelo próprio Lucas como responsável por modificar sua percepção quanto às ideias Austríacas. Após uma extensa análise da possibilidade de Lucas ter restaurado a proposta de Hayek, Hoover até chega a observar certas semelhanças pontuais, mas explicita alguns pontos que impossibilitam comparar as duas teorias, razão pela qual defende ser equivocada a tese de semelhança entre elas. Especificamente, o autor baseia sua posição na análise de dois elementos que seriam essencialmente distintos entre Hayek e Lucas: o primeiro seria a incompatibilidade da teoria Austríaca com os pressupostos de expectativas racionais e de mercado perfeito em equilíbrio; o segundo seria o nível de profundidade de análise distinto entre as duas abordagens, já que na versão Austríaca impera um alto grau de detalhamento, contrastando com os modelos Novo-Clássico que admitiam alto grau de generalização.

Sobre o primeiro ponto, Hoover (1988) afirma que não seria cabível à tradição Austríaca absorver a ideia de expectativas racionais porque em sua abordagem é impossível analisar as respostas das pessoas às condições existentes no mercado sem considerar os objetivos e crenças que possuem acerca das condições futuras que ali prevalecerão. Nesse sentido, a ideia de racionalidade é imprescindível do conceito de ação na teoria Austríaca, tal que nessa análise não se busca contrastar o comportamento racional com o comportamento irracional, mas sim com comportamento reativo. Sendo toda ação racional propositada, ela é, por definição, não-reativa. É isso que a teoria Austríaca adota das expectativas, ou seja, a forma de agir propositadamente mediante as antecipações realizadas pelo indivíduo.

Quanto ao segundo ponto, sobre o grau de detalhamento dos modelos nas duas abordagens, Hoover (1988) coloca que os Novos-Clássicos, à la Lucas, assumem a existência de um agente representativo, e esse suposto é que permite as exatas especificações de uma função utilidade e uma restrição orçamentária que condicionam as soluções do sistema de equações macroeconômicas. Já no entendimento Austríaco, os modelos tratariam cada agente como único, não havendo possibilidade de uma metodologia agregativa a ser manipulada para o fornecimento de uma resposta quantitativa dos problemas econômicos. Este fato deriva do pensamento Austríaco de que não é possível, por princípio, desenvolver modelos exatos para uma economia complexa, composta por agentes racionais e naturalmente heterogêneos (HOOVER, 1988).

Assim, o agente representativo utilizado por Lucas como forma de microfundamentar os modelos macroeconômicos, justamente na busca por atender ao critério hayekiano de se levar em conta os agentes na análise econômica, acaba tornando-se, para Hoover (1988), motivo de separação entre as duas abordagens, dada a impossibilidade de subjetivização desse agente representativo, incapaz de ter seu conhecimento individualizado no tratamento dos fenômenos econômicos complexos.

Embora seja acessório à sua análise, Hoover (1988) ainda sustenta um terceiro ponto que incompatibilizaria as duas abordagens, qual seja, o fato de os modelos Novo-Clássicos assumirem a

¹⁰ Soromenho (1998, p. 38, n.1) traz uma lista de referências de textos a respeito da tentativa de Lucas, classificando-os em críticos, intermediários e de defesa da tese da similitude.

homogeneidade do capital, muito diferente da vertente Austríaca que lhe dá um tratamento essencialmente heterogêneo, inclusive pautando muita da sua contribuição teórica na existência de diferentes tipos de capital.

2.3. Lucas e a negação da “tese da similitude”

Embora tenha proposto a semelhança entre sua abordagem e a de Hayek em 1977, o próprio Lucas acabou por se convencer de que tal crença era infundada após o trabalho de Hoover (1988), como afirmou em 1994 numa entrevista a Snowdon e Vane (2005). Após constatado o equívoco interpretativo, quando indagado na entrevista a respeito da influência que Hayek e a Escola Austríaca exerceram sobre seu trabalho, Lucas respondeu: “I once thought of myself as a kind of Austrian, but Kevin Hoover’s book persuaded me that this was just a result of my misreading of Hayek and others” (SNOWDON e VANE, 2005, p. 274).

Deve ser ressaltado que não há elementos que permitam apontar a relevância das críticas promovidas pelos autores Austríacos para a mudança de pensamento de Lucas, na medida em que elas não são citadas pelo autor quando das suas manifestações sobre a mudança de opinião. Outra complicação é o fato de o próprio Lucas ter demorado a tomar posicionamento acerca da crítica dos economistas Austríacos, já que viria a manifestar-se apenas em 1994.¹¹

Como consequência da indiferença mostrada por Lucas após as críticas recebidas à sua tentativa de aproximação, alguns autores como Soromenho (1998) alegam que a tese da similitude consistiu em um artifício retórico, em que o autor buscava legitimar seu trabalho por meio da reinvenção de uma tradição anterior à prevalecente. Andrada (2016) também adota esse entendimento:

A tese da ancestralidade é certamente um expediente do tipo reinvenção da tradição (Arida, 1984). Lucas que se apresenta como o continuador de uma tradição injustamente esquecida e sua metodologia de microfundamentação da Macroeconomia como a conclusão de um trabalho iniciado pelos autores “clássicos”. (ANDRADA, 2016, p. 140).

Ao se averiguar as influências acadêmicas nos trabalhos escritos por Lucas entre 1967 e 1981, Andrada (2017) argumenta que a tese da similitude consistiu num artifício retórico. O autor catalogou todos os artigos de Lucas neste período, somando um total de 27 trabalhos, e analisou as referências bibliográficas constantes neles. Como resultado, constatou que as principais influências de Lucas, a partir das citações utilizadas, foram John Muth, Milton Friedman e Edmund Phelps, respectivamente.

Andrada (2017) explica o grau de influência dos diferentes autores citados por Lucas de acordo com sua agenda de pesquisa, visto que os que aparecem mais recorrentemente referenciados são autores que contribuíram significativamente com a hipótese das expectativas racionais e com críticas à curva de Phillips, ambos elementos centrais no programa de pesquisa empreendido por Lucas. O autor mostra que Hayek não figurou sequer entre as 16 maiores influências de Lucas, o que sugere que Lucas teria empenhado uma manobra retórica em sua tentativa de aproximação com os Austríacos, já que as ideias de Hayek teriam contribuído, na melhor das hipóteses, marginalmente em seus trabalhos.

Uma evidência mais sutil nesse sentido pode ser percebida através da falta de referência a Hayek por Lucas já em 1984, ao tratar da origem de suas ideias em entrevista a Klamer. Nesta oportunidade, o autor cita o trabalho de Hayek apenas uma vez¹².

Mais recentemente, o próprio Lucas ressaltou em 2016, numa troca de e-mails realizada com um dos autores deste artigo, que sua visão acerca da proximidade com Hayek derivou de uma má leitura realizada:

¹¹ Uma interpretação possível é que a resposta crítica dos Austríacos tenha se tornado a opinião predominante no debate, pelo fato de poucos trabalhos posteriores a eles manterem posicionamento favoráveis à “tese da similitude”

¹² Lucas afirma que “[a]s coisas que faço representam uma volta a um programa tradicional de pesquisa, um programa de pesquisa pré-keynesiano, com a diferença de que eu, e pessoas como Sargent, não somos hostis a métodos matemáticos. Nós os amamos [risos]. As ideias de Hayek ou Mitchell - vale a pena desenvolvê-las - mas seus métodos não o são” (KLAMER, 1988, p. 57-58).

Look at the first page of my paper “Understanding Business Cycles.” There are two quotes from Hayek there that I thought were close to my way of thinking. But if you look at the Hayek book from which I quoted these quotes are in footnotes. I should have realized that a good writer like Hayek does not put important ideas in footnotes. There are many other passages that make it clear that Hayek and I were far apart on many issues.

3. O lado austríaco do debate

Como apontado acima, a tentativa de aproximação com os Austríacos por parte de Lucas não foi isenta de reações dos economistas da época. As críticas partiram principalmente de autores seguidores da própria tradição Austríaca, que não viam bem representadas as ideias de Hayek na formulação teórica proposta por Lucas. Esta seção busca sistematizar, cronologicamente, o lado Austríaco desse debate, apresentando e explicando a argumentação utilizada pelos autores dessa tradição em sua negação da “tese da similitude”.

3.1. O’Driscoll (1979)

Já em 1979, O’Driscoll (1979b) publica um artigo em que procura avaliar a suposta recuperação de Hayek por parte de Lucas, conforme defendido por este.¹³ Apesar de afirmar que Lucas, ao propor uma nova abordagem em macroeconomia, evitando os erros de hipóteses, análise e conclusões da então teoria tradicional ao buscar, de Hayek, um tratamento microeconômico para problemas monetários, e que, se expectativas forem consideradas racionais em um sentido mais amplo, de que simplesmente os agentes fazem o melhor uso da informação disponível, isso é compatível com a perspectiva de Hayek,¹⁴ O’Driscoll argumenta que existem relevantes diferenças entre aqueles autores, diferenças estas que tornam difícil enquadrar Lucas como um espécie de hayekiano.

Em primeiro lugar, O’Driscoll observa que as teorias que se utilizam da hipótese das expectativas racionais não apresentam uma explicação de como se dá o aprendizado dos agentes e a difusão da informação. Assumir que, em equilíbrio, o conhecimento seja completo não traz consigo uma explicação de como esse conhecimento foi adquirido.

Tal opção metodológica dos novos clássicos é contrastada por O’Driscoll à proposta de Hayek (1937) de que existe uma divisão do conhecimento na sociedade, ou seja, o conhecimento é difuso e cada indivíduo possui não mais do que uma parcela do conhecimento total existente na sociedade. A partir disso assume-se, na perspectiva hayekiana, que os preços exercem um papel fundamental na coordenação de ações que produzem uma tendência ao equilíbrio, na medida em que são portadores de boa parte das informações necessárias à revisão de planos por parte dos agentes. Dessa maneira, a proposta de Hayek é justamente adotar a hipótese de que os agentes não possuem informação homogênea e que tampouco seu conhecimento inclua o correto funcionamento do sistema econômico. O papel dos preços é abrir a possibilidade de uma tendência à compatibilização de planos mesmo que os agentes não saibam o que está por trás da formação dos preços. Isso, na visão de O’Driscoll (1979b), seria um motivo a colocar em oposição as opções teórico-metodológicas de Lucas e Hayek.

Em segundo lugar, O’Driscoll mostra que, na explicação de Hayek para o ciclo econômico, o austríaco admite que os agentes possuem ignorância a respeito do funcionamento dos mercados. Na teoria monetária e do ciclo de Hayek, a ênfase recai sobre o papel que alterações nos preços relativos exercem sobre os diferentes estágios de produção (numa economia com capital heterogêneo) em resposta a perturbações monetárias (ao contrário da tradição da teoria quantitativa

¹³ Em outro texto de 1979, O’Driscoll (1979a) apresenta fundamentalmente os mesmos argumentos aqui expostos, mas de forma bastante sintética.

¹⁴ “Strictly interpreted, rationality implies transactors’ knowledge of the economy’s structure. Likewise, strictly interpreted (a la Sargent and Wallace), rationality implies that nonpolicymakers possess as much information about the probability of a given policy’s being implemented as do policymakers themselves (...). If (...) rationality is so strictly interpreted, then expectational rationality is absent from business cycle theories such as Hayek’s (...). If, on the other hand, rationality of expectations is taken more loosely to mean that transactors make the best use of available information, then Hayek’s transactors have rational expectations” (O’DRISCOLL, 1979b, p. 167).

da moeda) e sobre a moeda como elemento a se interpor entre oferta e demanda, ao invés de supor uma economia de escambo. Dessa maneira, o conhecimento imperfeito produz resultados reais e distorções na alocação de recursos, inclusive intertemporalmente. Tais desequilíbrios, na visão hayekiana, seriam o canal por meio do qual perturbações monetárias seriam refletidas em perturbações reais. A “falsificação” dos sinais fundamentais da economia a guiar a construção dos planos individuais, a saber, preços relativos e taxa de juros, conduziria à amplificação das distorções provocadas por choques exógenos, na medida em que não transmitem adequadamente as informações necessárias à compatibilização dos planos.

Lucas, contudo, opta pela saída (recebida de Phelps) de colocar um obstáculo à livre circulação da informação (ao invés de admitir que essa é uma característica do funcionamento da economia, como Hayek), ao fazer a suposição (*ad hoc*, segundo O’Driscoll) de que os agentes estejam ilhados de modo que tal isolamento produz a ignorância a respeito das alterações nos preços (se ocorrem nos preços absolutos ou nos relativos) a partir de um choque monetário inesperado. Com o tempo, os mercados amorteceriam os erros e distorções produzidos - ao invés do que é proposto na explicação hayekiana, de que distorções monetárias são convertidas, via mudanças na estrutura intertemporal de produção, em distorções reais.

Nas palavras de O’Driscoll:

Unlike modern RE [rational expectations] theorists, he [Hayek] viewed monetary disturbances as causing changes in the demand and supply functions, and thus in relative prices, consumption, investment, and so forth (...). The crucial question devolves around the source of errors in cyclical episodes. In Hayek’s analysis, misallocations and errors occur as economic actors respond to genuine price signals. It is not necessary that they mistake general for relative price changes as is generally the case in RE models. (O’DRISCOLL, 1979b, p. 166)¹⁵

3.2. *Butos (1985)*

Butos (1985) aponta que a tentativa de Lucas de aproximação a Hayek deriva da semelhança entre a hipótese das expectativas racionais e a teoria austríaca das expectativas, bem como do fato de a teoria dos ciclos desenvolvida por Hayek e Mises ser a precursora da teoria dos ciclos econômicos que ele buscava fortalecer.

A argumentação de Butos (1985) segue daí para a crítica à tese da similitude. Em síntese, ele atenta para a superficialidade de tais semelhanças. Um primeiro ponto apresentado pelo autor é o afastamento de Hayek da análise de equilíbrio geral¹⁶ após 1937, e que isso impossibilitaria conciliar a obra dos dois pensadores, porque após essa inflexão no pensamento hayekiano abriu-se para ele uma nova agenda de pesquisa, norteadas por outras questões que não eram meramente econômicas, enquanto o desenvolvimento de Lucas se pautava exclusivamente na parte econômica.

Butos (1985) também especula sobre a possibilidade de uma leitura aparentemente equivocada de Lucas sobre as ideias de Hayek, argumentando que é possível que tanto Lucas (1977) quanto Laidler (1981, 1982) tenham equivocadamente dicotomizado o trabalho de Hayek em duas categorias, “técnica-econômica” e “outras áreas”, com a teoria dos ciclos econômicos se encaixando na primeira, e na última todos os demais trabalhos. Este fato representaria uma falha na percepção de que as “outras áreas” contemplam importantes elementos da teoria hayekiana, inclusive a respeito da teoria dos ciclos, que não poderia ser entendida em separado a esses outros trabalhos posteriores aos de 1931 e 1933.

¹⁵ Em seu livro publicado originalmente em 1985 em parceria com Mario Rizzo (O’DRISCOLL e RIZZO, 1996, p. 199), O’Driscoll menciona uma vez a busca de Lucas por se aproximar de Hayek, para argumentar que as propostas dos dois autores são fundamentalmente diferentes na medida em que, para Hayek, o ciclo é um fenômeno de desequilíbrio, ao contrário de Lucas, que vê o ciclo como um fenômeno de equilíbrio. Neste mesmo livro, adiante, O’Driscoll e Rizzo (1996, p. 213-226) oferecem uma análise Austríaca da macroeconomia das expectativas racionais que, no entanto, não é aqui estudada por não se referir especificamente à contribuição hayekiana e ao argumento de Lucas que motivam o presente trabalho.

¹⁶ Ver Caldwell (2004, apêndices B e C).

Um segundo ponto adotado por Butos (1985) coloca outra diferença substancial entre Hayek e Lucas. Para o último, a análise do equilíbrio é vista como fundamental na análise econômica, enquanto para o primeiro, ao contrário, prevalece um claro sentido das limitações da análise de equilíbrio. Ademais, o próprio conceito de equilíbrio acaba por ser diferente entre ambos os economistas, fato este que também impossibilitaria compatibilizar o trabalho do austríaco com o do norte-americano.

3.3. *Garrison (1985, 1986, 1989, 1991)*

Outra resposta no lado Austríaco do debate foi dada por Garrison (1985, 1986a; 1986b; 1989; 1991) em cinco trabalhos, cuja preocupação geral centrou-se nos distintos conceitos e utilização das expectativas entre as abordagens de Lucas e a Austríaca. É interessante observar que os primeiros desses artigos (1985, 1986a) não chegam a citar a “tese da similitude” ou os trabalhos dos autores envolvidos no debate para colocá-lo em discussão, mas mesmo assim promovem a diferenciação entre Robert Lucas e o Austríacismo, em particular Hayek.

Em um pequeno artigo publicado na *Austrian Economics Newsletter*, Garrison (1985) argumenta que os Novos Clássicos se afastam de Hayek (e também de Mises) na medida em que os austríacos interpretavam o sistema de preços como uma espécie de “sistema de comunicação” por meio do qual os agentes receberiam a informação necessária à ação mesmo que não possuíssem qualquer conhecimento teórico sobre o funcionamento do mercado. Ademais, no entendimento destes autores, alterações no sistema monetário poderiam causar distúrbios no sistema de preços, que passaria a transmitir sinais errados, levando os agentes a tomarem decisões equivocadas que provocariam descoordenação e má alocação de recursos.

De acordo com Garrison (1985), isso iria contra os Novos Clássicos na medida em que, na interpretação desta vertente do pensamento macroeconômico, os agentes racionais atuariam como se tivessem conhecimento sobre o funcionamento da economia de maneira a compreender antecipadamente os efeitos que uma alteração da política econômica produziria sobre a economia. Assim, a racionalidade dos novos clássicos, segundo Garrison (1985), implica um conhecimento acerca dos gostos e preferências dos consumidores independente da informação transmitida pelo sistema de preços, o que garante que, ainda que os preços estejam falsificados, possam ser separadas alterações reais de alterações nominais no caso de correta antecipação da mudança da política monetária. Com isso, a racionalidade novo clássica implica na possibilidade de abolição do ciclo econômico induzido por alterações monetárias e na racionalidade da alocação de recursos. Garrison conclui afirmando que “while Austrian economists today can applaud the on-going retreat from Keynesianism, they have little to learn from the “rational expectations” of the New Classicism” (GARRISON, 1985, p. 6).

Garrison (1986a) destaca os diferentes papéis que as expectativas possuem para Lucas e para os Austríacos, num trabalho que busca mostrar como a relação entre eles pode ajudar a tese Austríaca em sua defesa de uma tendência ao equilíbrio, mesmo se considerada sob uma perspectiva subjetivista. O autor coloca que a então recente adoção do tempo nos modelos econômicos implicou um importante avanço na teoria econômica, mas que existia uma divergência de opinião sobre os resultados teóricos de seus efeitos, e propõe dividir essa discordância em três correntes: (i) a de Lachmann, que advoga pela inexistência de qualquer estado de equilíbrio; (ii) a de Lucas, que defende a existência de um equilíbrio concreto; (iii) a de Mises e Hayek, cuja argumentação aponta a existência de uma tendência ao equilíbrio. De acordo com Garrison (1986a), as vertentes (i) e (ii) seriam irreconciliáveis, mas existiriam diversas alternativas intermediárias entre esses dois extremos, da qual a proposta de tendência ao equilíbrio, pautada na tradição Austríaca, seria a mais adequada – uma espécie de “caminho do meio” entre os dois pólos antes citados.

De início, já busca afastar Lucas das teses Austríacas, apesar de admitir que ele tenha alguma semelhança com outras ideias hayekianas: “[...] even Lucas, who is far removed from the Austrian theorists on the issue at hand, shares much common ground with Hayek in other fundamental respects” (GARRISON, 1986a, p. 90), porque mesmo o conceito adotado de

racionalidade entre Lucas e os Austríacos não tem o mesmo significado nas duas abordagens, já que o “[...] term "rationality," as used by Muth and Lucas, is not to be equated with rationality either in its ordinary meaning [...] Nor does it correspond with the Austrian meaning of purposive behavior” (GARRISON, 1986a, p. 93).

A diferença fundamental entre Lucas e os Austríacos residiria no resultado da mudança nas expectativas dos agentes. Enquanto a versão Novo-Clássica trata objetivamente a relação entre variações econômicas e o estado expectacional, permitindo a previsão de como essas expectativas mudam no tempo, o modelo pautado na obra de Mises não permite identificar como os agentes irão reagir às modificações no ambiente econômico, dado o caráter subjetivo dos agentes e das informações, tornando incerto o efeito sobre as expectativas de cada um dos indivíduos (GARRISON, 1986a). Tal diferença faz com que o modelo Novo-Clássico acredite ser capaz de definir o estado de equilíbrio, já que credita-se a capacidade de prever com precisão o comportamento dos agentes, ao passo que na abordagem Austríaca a mudança da expectativas só faz com que os indivíduos venham refazer seus planos, de modo a continuar na busca por sua satisfação, tendendo para um equilíbrio – que é desconhecido e inalcançável.

Em trabalho posterior, Garrison (1989) faz várias comparações entre as definições Austríacas e Novo-Clássicas para diversos conceitos, como conhecimento, expectativa e equilíbrio. Logo no início, o trabalho define o ponto de vista Austríaco sobre os ciclos econômicos, analisando o grau de profundidade das depressões e os ajustes necessários para sua superação, para contrastá-lo com a interpretação da “macroeconomia moderna” da época de que um ciclo previsto é um ciclo passível de ser evitado, onde reside a necessidade da racionalidade nas expectativas dos agentes *à la* Lucas. Segue-se uma discussão da persistência dos efeitos adversos das expansões monetárias mesmo sob a racionalidade estrita em suas expectativas, mas sem necessariamente relacioná-la à teoria Austríaca, apenas discutindo possibilidades inerentes ao próprio modelo Novo-Clássico.

Mais importante, porém, é a retomada da discussão dos efeitos da expansão monetária à luz da Teoria Austríaca do Capital. Garrison (1989) defende que a Escola Austríaca é a única corrente que havia teorizado sobre a relação entre a estrutura/mercado de capital e os ciclos econômicos, pautando-se nas contribuições e desenvolvimentos de Menger, Böhm-Bawerk e Mises. Usando essa abordagem, o autor mostra como a nova quantidade de moeda afeta de maneira diferenciada os agentes econômicos, ao atingir primeiro a taxa de juros, “the price that clears the market for credit and governs the allocation of capital (GARRISON, 1989, p. 11).

Nesse trabalho, Garrison (1989) retoma a distinção entre dois tipos de conhecimento considerada por Hayek:

Market participants possess enough entrepreneurial knowledge to make the economy work, but they possess little or no theoretical knowledge. The play-off between knowledge within and knowledge of the structure has the same analytical significance for the Austrian formulation as the play-off between local and global information has for the New Classical formulation. In both, the distinction between two kinds of knowledge allows for the derivations of results that conform in some degree to real-world observations. But for the Austrians, the distinction is not just an abstract modeling device; it is a recognition of one of the most fundamental features of real-world market economies (GARRISON, 1989, p. 20).

Outro ponto interessante desse trabalho é que Garrison (1989) lembra que os Novos-Clássicos buscam afirmar alguma relação de proximidade com a teoria Austríaca, mas rejeitam radicalmente a Teoria Austríaca dos Ciclos Econômicos por motivos empíricos, por não acreditarem que as grandes variações nas taxas de investimento possam decorrer de variações tão pequenas nas taxas de juros. Porém, o autor elenca três motivos que contornariam tal crítica: (i) a teoria Austríaca não depende de um padrão cíclico de variações nas taxas de juros; (ii) o efeito de uma taxa de juros reduzida artificialmente não precisa ser necessariamente a redução de investimento, podendo ser a realização de maus investimentos; (iii) os efeitos da taxa de juros têm efeitos intertemporais na economia.

Por fim, o último trabalho encontrado de Garrison sobre o debate é publicado logo no início da década de 1990, e tem uma proposta mais ativa na discussão da “tese de similitude”, porque

“[...] The formal similarities between EBCT [Equilibrium Business Cycle Theory] and ABCT [Austrian Business Cycle Theory] invites a point-by-point comparison” (GARRISON, 1991, p. 91), cuja semelhança é tão grande que “It is possible to describe a business cycle in such general terms that the description is consistent with both EBCT and ABCT yet distinct from, say, Keynesian and Marxian theories (GARRISON, 1991, p. 92), mesmo se considerando que na teoria dos ciclos de equilíbrio o principal preço é o da produção, enquanto que a tese Austríaca do ciclo focaliza o preço do crédito (taxa de juros).

Assim, apesar do alto grau de similaridade, que poderia até fazer com que as teorias Novo-Clássica e Austríaca fossem complementares, ainda reside como demarcação de diferença entre as duas a diferença no tratamento do equilíbrio: para os Austríacos não haveria a existência do “equilibrium bust” defendido pelos Novo-Clássicos, enquanto que para os Novo-Clássicos uma situação de “disequilibrium bust” como apontada pelos Austríacos seria inexplicável (GARRISON, 1991).

Outro ponto colocado por Garrison (1991) é a diferença de efeitos institucionais em ambas as abordagens, crítica que aparece pela primeira vez em sua diferenciação das teorias¹⁷. O autor aponta que os Novo-Clássicos estariam tratando de um modelo abstrato em que o arranjo institucional não faça diferença no ciclo econômico, ou seja, o papel das instituições é dado como neutro, diferente do que ocorre no modelo Austríaco, em que a estrutura real da economia, que define a relação entre a taxa natural de juros e a praticada pelos bancos, afeta o funcionamento do mercado mediante flutuações econômicas.

Por fim, é discutida uma diferenciação metodológica sobre o caráter empírico das abordagens. Enquanto a vertente Novo-Clássica pauta-se nas análises econométricas das séries de tempo, a tradição Austríaca vale-se da utilização de eventos históricos particulares (GARRISON, 1991).

4. Conclusão

Em sua obra de 1977, “*Understanding Business Cycles*”, Robert Lucas defendeu que seu trabalho mantinha elementos da tradição Austríaca e era um continuador das ideias principais desta linha de pensamento, principalmente com ênfase nos trabalhos de Hayek. Esta proposta acabou tendo bastante repercussão inicial. A tese da similitude acabou sendo inicialmente bem aceita e endossada por diversos economistas. Porém, já nos anos seguintes essa aproximação foi contestada por diversos economistas, em particular os de tradição Austríaca, que reagiram mostrando as diferenças conceituais entre as duas abordagens, com o que se verificou um afastamento unânime da suposta similitude entre a teoria de Lucas e o pensamento hayekiano. Tal rejeição tornou-se a versão predominante, e acabou culminando no esclarecimento posterior do próprio Robert Lucas, que confirmou ter interpretado equivocadamente as relações entre suas ideias e as de Hayek.

Em resumo, as particularidades da teoria Austríaca utilizadas para sua diferenciação com relação à abordagem proposta por Lucas centraram-se nas questões: (i) interdisciplinaridade da teoria hayekiana – e da teoria Austríaca por extensão; (ii) possibilidade e a forma do equilíbrio; (iii) impossibilidade da racionalidade estrita e objetiva; (iv) concentração e nível de conhecimento entre os agentes; (v) distinção entre tipos de conhecimento; (vi) inexistência de uma defasagem temporal entre no espriamento da informação; (vii) papel da heterogeneidade do capital nos ciclos econômicos.

Esta resposta Austríaca deve ser compreendida à luz do contexto pelo qual a Escola passava no final dos anos 1970 e anos 1980, ainda sob impacto do *Austrian Revival*. Este cenário era caracterizado tanto pela necessidade de reafirmação da Escola como um grupo de pesquisadores capazes de contribuir com o avanço da teoria econômica a partir de uma perspectiva singular herdada de uma rica tradição ainda viva, quanto pela tentativa de construção de canais de diálogos e de interesses comuns com outras Escolas heterodoxas. Assim, é razoável admitir que a aceitação de

¹⁷ Embora tenha o feito indiretamente ao comparar Lachmann e Lucas em texto de 1986.

que um dos expoentes do *mainstream* da época, Lucas, tivesse dado continuidade à obra de Hayek tenha gerado algum receio, entre os Austríacos, tanto de que o austrianismo então recém-ressurgido, experimentando renovado vigor intelectual e institucional, pudesse deixar de ser visto como um movimento capaz de oferecer uma interpretação singular dos fenômenos econômicos, quanto de que a agenda de aproximação a outras correntes heterodoxas, que então ocupava boa parte dos Austríacos, pudesse ser prejudicada.

5. Referências Bibliográficas

- ANDRADA, Alexandre. De Ricardo a Keynes: Notas sobre a Origem da Macroeconomia. **Economia Ensaios**, v. 31, n. 1, p. 121-150, 2016. <http://dx.doi.org/10.14393/ree-v31n1a2016-5>
- ANDRADA, Alexandre. Understanding Robert Lucas (1967-1981): his influence and influences. **Economia**, v. 18, n. 2, p. 212-228, 2017. <http://dx.doi.org/10.1016/j.econ.2016.09.001>
- BARBIERI, Fábio. O Ressurgimento da Escola Austríaca e a Teoria de Processo de Mercado. **Econômica**, v. 10, n. 2, p. 215-235, 2008. <http://dx.doi.org/10.22409/economica.10i2.p117>
- BOEHM, Stephan. Reflections on The economics of time and ignorance coming of age. **The Review Of Austrian Economics**, v. 26, n. 1, p. 7-15, 2012. <http://dx.doi.org/10.1007/s11138-012-0199-z>
- BOETTKE, Peter J.. The Theory of Spontaneous Order and Cultural Evolution in the Social Theory of F.A. Hayek. **Cultural Dynamics**, v. 3, n. 1, p. 61-83, 1990. <http://dx.doi.org/10.1177/092137409000300105>
- BOETTKE, Peter J.; COYNE, Christopher J.; NEWMAN, Patrick. The History of a Tradition: Austrian Economics from 1871 to 2016. **Research In The History Of Economic Thought And Methodology**, v. 34A, p. 199-243, 2016. <http://dx.doi.org/10.1108/s0743-41542016000034a007>
- BUTOS, William N.. Hayek and General Equilibrium Analysis. **Southern Economic Journal**, v. 52, n. 2, p.332-343, 1985. <http://dx.doi.org/10.2307/1059619>
- CALDWELL, B. J.. Hayek's Transformation. **History Of Political Economy**, v. 20, n. 4, p.513-541, 1988. <http://dx.doi.org/10.1215/00182702-20-4-513>
- CALDWELL, Bruce J.. **Hayek's Challenge**. Chicago: The University Of Chicago Press, 2004.
- DAVIDSON, Paul. The economics of ignorance or ignorance of economics? **Critical Review**, v. 3, n. 3-4, p. 467-487, 1989. <http://dx.doi.org/10.1080/08913818908459577>
- ENDRES, Anthony M.. Is the economics of time and ignorance a “classic”? **The Review Of Austrian Economics**, v. 26, n. 1, p. 17-25, 2012. <http://dx.doi.org/10.1007/s11138-012-0176-6>
- FLEETWOOD, Steve. **Hayek's Political Economy: The Socio-Economics of Order**. London: Routledge, 1995.
- GARRISON, Roger W.. “Rational Expectations” Offers Nothing That's Both New and True”. **Austrian Economics Newsletter**, v. 6, n. 1, p. 5-6, 1985.

- GARRISON, Roger W.. From Lachmann to Lucas: on institutions, expectations, and equilibrating tendencies. In: KIRZNER, Israel. **Subjectivism, intelligibility and economic understanding: Essays in Honor of Ludwig M. Lachmann on his Eightieth Birthday**. Houndmills : MacMillan, 1986a.
- GARRISON, Roger W.. Hayekian Trade Cycle Theory: A Reappraisal, **Cato Journal**, v. 6, n. 2, p. 437-459, 1986b.
- GARRISON, Roger W.. The Austrian theory of the business cycle in the light of modern macroeconomics. **The Review Of Austrian Economics**, v. 3, n. 1, p. 3-29, 1989. <http://dx.doi.org/10.1007/bf01539555>
- GARRISON, Roger W.. New classical and old Austrian economics: Equilibrium Business Cycle Theory in perspective. **The Review Of Austrian Economics**, v. 5, n. 1, p. 91-103, 1991. <http://dx.doi.org/10.1007/bf00843932>
- HAYEK, Friedrich A.. **Prices and Production**. London: Kegan Paul, 1931.
- HAYEK, Friedrich A.. **Monetary Theory and the Trade Cycle**. London: Jonathan Cape, 1933.
- HAYEK, Friedrich A.. Economics and Knowledge. **Economica**, v. 4, n. 13, p. 33-54, 1937. <http://dx.doi.org/10.2307/2548786>
- HAYEK, F. A. The use of knowledge in Society. **The American Economic Review**, v. 35, n. 4, p. 519-530, 1945.
- HOOVER, Kevin D.. **The new classical economics**. Cambridge: Blackwell, 1988.
- KLAMER, Arjo. **Conversas com economistas: os novos economistas clássicos e seus opositores falam sobre a atual controvérsia em macroeconomia**. São Paulo: Pioneira/EDUSP, 1988.
- LAIDLER, David. **Monetarist perspectives**. Cambridge: Harvard University Press, 1982.
- LAIDLER, David. Monetarism: An Interpretation and an Assessment. **The Economic Journal**, v. 91, n. 361, p.1-28, 1981. <http://dx.doi.org/10.2307/2231691>
- LUCAS, Robert E.. Expectations and the neutrality of money. **Journal Of Economic Theory**, v. 4, n. 2, p.103-124, 1972. [http://dx.doi.org/10.1016/0022-0531\(72\)90142-1](http://dx.doi.org/10.1016/0022-0531(72)90142-1)
- LUCAS, Robert e. Understanding business cycles. **Carnegie-rochester Conference Series On Public Policy**, v. 5, p.7-29, 1977. [http://dx.doi.org/10.1016/0167-2231\(77\)90002-1](http://dx.doi.org/10.1016/0167-2231(77)90002-1)
- MUTH, John F.. Rational Expectations and the Theory of Price Movements. **Econometrica**, v. 29, n. 3, p.315-335, 1961. <http://dx.doi.org/10.2307/1909635>
- O'DRISCOLL, Gerald P.. Preâmbulo. 1979a. In HAYEK, Friedrich A.. **Desemprego e Política Monetária**. 2. ed. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2011.
- O'DRISCOLL, Gerald P.. Rational Expectations, Politics, and Stagflation. In RIZZO, Mario. **Time, Uncertainty, and Equilibrium: Exploration of Austrian Themes**. Lexington: D. C. Heath and Company, 1979b.
- O'DRISCOLL, Gerald P.; RIZZO, Mario J.. **The Economics of Time and Ignorance**. 2. ed. New York: Routledge, 1996.

- OKON, Hiroyuki. The Austrian Revival. In LEESON, Robert. **Hayek: A Collaborative Biography - Part XIII: 'Fascism' and Liberalism in the (Austrian) Classical Tradition**, Cham: Palgrave Macmillan, 2018.
- ROSNER, Peter. Is Hayek's theory of business cycles an Austrian theory? In BIRNER, Jack; VAN ZIJP, Rudy. **Hayek, co-ordination and evolution**. New York: Routledge, 1994.
- SNOWDON, Brian; VANE, Howard R.. **Modern Macroeconomics: its origins, development and current state**. Cheltenham: Edward Elgar, 2005.
- SOROMENHO, Jorge Eduardo de Castro. **Um Estudo Sobre as Origens da Crítica de Hayek ao Conceito de Equilíbrio**. Tese (Doutorado) – Instituto de Pesquisas Econômicas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
- SOROMENHO, Jorge. E. C.. Os novos clássicos e a teoria dos ciclos de Hayek. **Revista de Economia Política**. v. 18, n. 3, p. 38-54, 1998.
- TOLIPAN, Ricardo. **A Ironia na História do Pensamento Econômico**. Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1990.
- VAUGHN, Karen. **Austrian Economics in America: The Migration of a Tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.